

# ENSINO DE LINGUAGENS PARA UMA ESTÉTICA DA DIFERENÇA: FORMANDO PROFESSORES QUE VALORIZAM QUESTÕES INDÍGENAS DENTRO E FORA DA ESCOLA)

Beatriz Moraes de Abreu <sup>1</sup>

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos <sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho discorre sobre um processo pedagógico desenvolvido ao longo da unidade curricular Ensino de Linguagens para uma estética da diferença, da pós-graduação de Licenciatura em Linguagens, da Faculdade Sesi-SP de Educação. Trata das atividades desenvolvidas durante o 1º semestre de 2024, sobretudo, no que diz respeito às estéticas indígenas. Exprime associações entre Literatura e outras linguagens artísticas, como música e cinema, pautando-se nos pressupostos de Ailton Krenak (2020) a respeito de uma educação decolonial. Além disso, baseia-se em autores e em artistas como Marcia Kambeba (2021) e MC Owerá (2022), a fim de estabelecer relações teóricas, literárias e artísticas entre as subjetividades que engendram a ideia de corporificar a literatura, numa proposta de trabalho interdisciplinar e subversivo com as linguagens. Propõe uma abordagem crítica sobre a trajetória histórica e social desde a colonização até a contemporaneidade, utilizando como referenciais artigos e documentários, como Guerras do Brasil (Bolognesi, 2019). Além disso, provoca reflexões acerca dos aspectos coloniais do currículo. Descreve a sequência didática utilizada na unidade curricular em pauta, bem como os resultados obtidos, a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes. Apresenta uma abordagem qualitativa da pesquisa-ação realizada, a qual se propôs a refletir e contribuir com a formação de professores da rede pública do estado de São Paulo.

**Palavras-chave:** Linguagens. Arte indígena. Literatura indígena. Educação decolonial. Formação de professores.

## INTRODUÇÃO

As discussões sobre a importância de se decolonizar o currículo escolar perpassam a formação de professores. Embora a Lei n.º 11.645/08 torne obrigatório, na Educação Básica, o estudo da cultura e história tanto indígena quanto afro-brasileira (Brasil, 2008), essas temáticas ainda são desvalorizadas nas matrizes curriculares de grande parte dos cursos de licenciatura do país. Nota-se que, em muitos casos, as questões etnográficas são abordadas de maneira eletiva ou simplesmente suprimidas dos planos político-pedagógicos e ementas. Pensando na necessidade de contribuir para a formação de professores críticos, que trabalhe efetivamente aspectos relacionados à diversidade

---

<sup>1</sup> Professora Mestre em Artes da Cena do Curso do Curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação, beatriz.abreu@sesisp.org.br;

<sup>2</sup> Professora Mestre em Literatura Portuguesa do Curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação, valeria.campos@sesisp.org.br.

histórica, social e cultural existentes no Brasil, a Faculdade Sesi-SP de Educação propõe, em seus cursos de graduação e pós-graduação, uma perspectiva pedagógica atenta para o (re)conhecimento e a valorização das diferenças, em conformidade com a ideia de Ailton Krenak de que

Somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (Krenak, 2019, p. 33)

Assim, esta pesquisa apresenta o trabalho realizado, durante o 1.º semestre de 2024, na unidade curricular “Ensino de Linguagens para uma estética da diferença”, oferecida na pós-graduação de Licenciatura em Linguagens, da Faculdade Sesi-SP de Educação. Evidencia aspectos pertinentes à elaboração da ementa, à seleção da bibliografia e ao planejamento e à condução das aulas, descrevendo como estas foram organizadas pela docente responsável e os resultados obtidos. Ao discorrer acerca das atividades desenvolvidas com as turmas, as quais eram formadas por docentes das redes municipais de ensino do Estado de São Paulo, a relevância desta pesquisa está centrada na proposição de possibilidades pedagógicas potencialmente exitosas no que diz respeito à formação continuada de professores e ao ensino decolonial na Educação Básica, sobretudo, ao tratamento conferido às questões indígenas.

Desse modo, a pesquisa apresenta como objetivo geral: Contribuir, através do compartilhamento de boas práticas pedagógicas, para o desenvolvimento de um ensino de Linguagens que não seja baseado em epistemologias eurocêntricas. Já os objetivos específicos são: Provocar reflexão e debate acerca da visão eurocêntrica endossada por escolhas curriculares legitimadas histórica e socialmente, sobretudo, na área de Linguagens; estudar a necessidade de rompimento do padrão ocidental europeu, tomando por eixo outras estéticas e valores – em especial, referentes aos povos originários, a partir de manifestações artísticas e literárias; e propor a elaboração e o desenvolvimento de projetos e/ou planos pedagógicos que contemplem experimentações artísticas diversas, a fim de reconstruir a estética da diferença nas práticas educativas.

O referencial teórico utilizado pauta-se nos pressupostos de Krenak (2019; 2020; 2022), além de relacionar ideias e trabalhos dos indígenas Marcia Kambeba (2020) e MC Owerá (2022) e do cineasta Luiz Bolognesi (2019). Através da convergência teórica, literária e artística, a bibliografia desta pesquisa conduz o trabalho de maneira interdisciplinar, no qual as linguagens estão integradas e corroboram uma abordagem crítica sobre o tema.

A ação pedagógica, apresentada nesta pesquisa e desenvolvida com as turmas de Pós-Graduação da Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação, atingiu, aproximadamente, 60 professores das redes municipais de ensino do Estado de São Paulo e contribuiu para a elaboração de atividades pedagógicas aplicadas aos seus respectivos estudantes da Educação Básica. As propostas foram compartilhadas nas aulas da pós-graduação, nas quais a docente responsável pela unidade curricular fez mediações, a fim de colaborar para uma educação mais crítica, humanizada e decolonial.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa baseia-se numa pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. A revisão do referencial teórico, sob uma perspectiva crítica e interdisciplinar, engendrou as atividades propostas para os estudantes da pós-graduação da Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação. Sendo assim, este artigo conta com um breve relato de experiência docente, baseado nos registros elaborados pela professora responsável pela unidade curricular “Ensino de Linguagens para uma estética da diferença”. Não utiliza nem publica imagens e/ou textos de autoria dos estudantes. Sendo assim, não houve necessidade de ser aprovado em comissão de ética ou de obter documentação que autorizasse a utilização de determinados suportes midiáticos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ementa da unidade curricular “Ensino de Linguagens para uma estética da diferença” foi pensada a fim de promover uma abordagem reflexiva e crítica acerca da visão eurocêntrica ensinada nas escolas e a necessidade de rompê-la, a partir das Linguagens. Ademais, propõe um estudo interdisciplinar e intercultural sobre outras estéticas e valores que não pertencem à dinâmica ocidental europeia e a necessidade de reconstrução do ensino de Linguagens. Possui sua confluência na elaboração de projetos literários e artísticos que contemplam a estética da diferença. Sendo assim, o planejamento e a condução das aulas ocorreram em formato de blocos. No primeiro, foram tratadas questões relativas à temática indígena; no segundo, questões afro-brasileiras e no terceiro, aspectos da cultura oriental. Durante o desenvolvimento dos blocos, havia espaço para discussões coletivas que levavam à elaboração de planos de aula e projetos interdisciplinares, envolvendo os temas tratados em aula. Já no quarto

bloco, ocorria a apresentação dos projetos pedagógicos desenvolvidos ao longo do percurso. Este artigo trata, especificamente, das ações realizadas no primeiro bloco, uma vez que realiza um recorte acerca das questões indígenas.

Começamos as discussões analisando a Lei n.º 11.645, de 2008:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Brasil, 2008)

Através dos debates realizados com as turmas, chegou-se à conclusão que, se a Lei 11.645/08 não é efetivamente cumprida, parte da responsabilidade recai sobre a falta de formação de professores, os quais estão expostos a um currículo colonial ao longo de toda a trajetória acadêmica. Tal sobreposição eurocêntrica possui raízes históricas, imbricadas na sociedade brasileira, fruto da colonização, e, conseqüentemente, na concepção de educação trazida pelos invasores. A fim de gerar reflexão crítica sobre o tema, foram analisados alguns trechos da Carta, escrita por Pero Vaz de Caminha, a qual evidencia uma visão escravista, violenta e gananciosa:

(...) E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. (...) E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...) Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. (Caminha, 2003)

No primeiro episódio do documentário *Guerras do Brasil* (Bolognesi, 2019), o filósofo, escritor e ambientalista Ailton Krenak menciona que a versão da história da colonização ensinada nas escolas brasileiras se trata de um “mito de origem” (Krenak, 2019). Os trechos selecionados da Carta redigida por Pero Vaz de Caminha corroboram essa ideia, uma vez que fica evidente o olhar exploratório português para com o trabalho braçal, a terra e o corpo de meninas e mulheres nativas. Inclusive, discutiu-se em aula a ideia disseminada por livros de história e obras de arte que representam os indígenas como selvagens. A partir de tais considerações, surgiu a problematização: Como romper essa cultura já estabelecida na Educação brasileira, de modo a apresentar aos estudantes a versão dos povos que já habitavam este território antes da chegada dos invasores?

A seleção bibliográfica da unidade curricular apresentou possibilidades de referencial teórico a ser estudado pelos professores e trabalhado em sala de aula com estudantes da Educação Básica. Foi apresentado e discutido o primeiro episódio do documentário já mencionado, “*Guerras do Brasil*” (Bolognesi, 2019). Intitulado “*Guerras da conquista*”, o episódio apresenta fatos sobre a invasão e as estratégias de colonização que reverberam até hoje. Indígenas como Ailton Krenak e Sônia Guajajara realizam depoimentos e reflexões importantes, ao passo que acontecimentos históricos são apresentados. Em todas as turmas nas quais a produção audiovisual foi exibida, os estudantes de pós-graduação mencionaram não conhecê-la e ficaram impactados com os fatos discorridos. Os diálogos após a exibição eram repletos de reflexões e compartilhamento de anotações feitas pelos discentes enquanto assistiam ao episódio. Tratou-se da importância do conhecimento histórico e do perigo de uma narrativa única, a qual favorece os interesses coloniais.

Em seguida, realizamos a fruição de duas linguagens artísticas: música e poesia. Primeiramente, analisamos a letra da canção “*Xondaro Ka’aguy Reguá*”, do rapper guarani MC Owerá:

Existe uma lenda Guarani muito antiga,/ contada pelo nossos ancestrais/ Ela diz que das águas nascerá um guerreiro/ que levará o seu povo a uma nova existência./ Antigamente na floresta havia muitas frutas para comer/ Muitas frutas para comer.../ Mas os brancos vieram e destruíram/ tudo o que Deus criou/ Mas os brancos vieram e destruíram/ tudo o que Deus criou.../ Nós, Guaranis, sempre existimos,/ há mais de 519 anos resistimos/ Nativos e originários dessa terra, Brasil/ Desde mil e quinhentos vivemos em guerra/ Nosso povo foi oprimido e dizimado/ por não aceitarmos ser escravizados/ Desprezaram nossa ciência e tecnologia,/ conhecimento milenar da floresta/ E agora vemos na TV alertas de aquecimento da terra/ Extinções em massa, e continuam destruindo/ nossos rios e nossas matas/ E pra você sou eu que estou errado/ por usar internet e não andar pelado, isolado.../ Pensamento colonial retrógrado e limitado,/ pois pra mim ser indígena é me sentir e ser livre,/ transito pela arte e preservo minha cultura/ Na minha aldeia existe resistência/

eu rimo na minha própria língua,/ denunciando e lutando/ pela demarcação/  
Invadiram as nossas terras.../ As florestas para nós indígenas/ sempre foram  
sagradas/ e tudo isso foi Deus que criou,/ Os portugueses vieram/ e mataram  
muitos animais, os pássaros morreram/ Não respeitaram a nossa cultura/  
destruíram as nossas florestas/ e o medo continua instaurado/ Antigamente na  
floresta havia muitas frutas para comer/ Muitas frutas para comer.../ Mas os  
brancos vieram e destruíram/ tudo o que Deus criou/ Mas os brancos vieram e  
destruíram/ tudo o que Deus criou/ Tudo o que Deus criou... (MC Owerá, 2020)

A letra denuncia os efeitos devastadores da invasão, tanto referentes a aspectos ambientais quanto sociais. O *rap* é uma vertente do movimento *Hip Hop*, o qual costuma suscitar o interesse de jovens, devido às expressões urbanas, relacionadas à vida nas ruas e às lutas das comunidades marginalizadas. Sendo assim, as turmas enxergaram o trabalho como um caminho para aproximar os estudantes da Educação Básica das perspectivas decoloniais, lançando um olhar atento para com a violência contra os povos originários. Os grupos de pós-graduandos pensaram em questões a serem trabalhadas a partir da letra, incluindo momentos de sensibilização, mobilização e aprofundamento linguístico, artístico e cultural. O fato de o início da canção ser apresentado na língua original, tupi-guarani, suscitou uma discussão acerca de como a imposição linguística e gramatical portuguesa serve como uma forma eficaz de apagamento das culturas indígenas. Sendo assim, os professores refletiram em conteúdos pertinentes às Linguagens, como: variedades linguísticas, inclusive, diatópicas e diastráticas, além da necessidade de se conhecer e valorizar manifestações artísticas que não pertencem ao padrão europeu, como: cerâmica, trançados, plumária, esculturas em madeira, pinturas corporais, rituais e outras formas de expressão tipicamente nativas.

Ademais, foi estudado o poema “Índio eu não sou”, da autora indígena Márcia Kambeba:

Não me chame de “índio” porque/ Esse nome nunca me pertenceu/ Nem como  
apelido quero levar/ Um erro que Colombo cometeu/ Por um erro de rota/  
Colombo em meu solo desembarcou/ E no desejo de às Índias chegar/ Com o  
nome de “índio” me apelidou/ Esse nome me traz muita dor/ Uma bala em meu  
peito transpassou/ Meu grito na mata ecoou/ Meu sangue na terra jorrou./  
Chegou tarde, eu já estava aqui/ Caravela aportou bem ali/ Eu vi “homem  
branco” subir/ Na minha Uka me escondi./ Ele veio sem permissão/ Com a  
cruz e a espada na mão/ Nos seus olhos, uma missão/ Dizimar para a  
civilização./ “Índio” eu não sou./ Sou Kambeba, sou Tembê/ Sou kokama, sou  
Sataré/ Sou Guarani, sou Arawaté/ Sou tikuna, sou Suruí/ Sou Tupinambá, sou  
Pataxó/ Sou Terena, sou Tukano/ Resisto com raça e fé (Kambeba, 2023)

Os versos de Kambeba acentuaram a importância de lutar contra o apagamento e fez refletir que a generalização é uma forma implícita de aniquilamento. Logo, as turmas de pós-graduação perceberam a necessidade de pesquisarem e aprender sobre a história,

os costumes de povos indígenas diversos, tendo em vista que cada um possui sua cultura e que englobar todas essas diferenças como sendo apenas “História e Cultura indígena”, como propõe a Lei 11.645/08, contribui para uma abordagem superficial e ainda colonial, uma vez que desconsidera as camadas peculiares e coletivas do tema. A metodologia “Kōkāmou”, criada pelo artista e antropólogo Luiz Davi Vieira Gonçalves (2021), foi apresentada às turmas como uma forma de evidenciar a possibilidade de que indígenas e não-indígenas trabalhem juntos, sobretudo, do ponto de vista artístico-pedagógico, a fim de resgatar e valorizar os saberes ancestrais. Dessa forma, o documentário de Bolognesi (2019), a canção de MC Owerá (2020) e o poema de Kambeba (2023) foram relacionados aos versos de Luiza Romão (2017): “Matas virgens/ Virgens mortas/ A colonização foi um estupro” e às ideias de Krenak (2020), acerca da desumanização promovida pelo pensamento e concepção de mundo colonial:

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresceu dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. (...) Nesse mundo pronto e triste eu não tenho nenhum interesse (Krenak, 2020, p. 101)

Como estratégia para promover a formação continuada das turmas de pós-graduação em Linguagens e ampliar o repertório bibliográfico dos professores, foi criado um mural virtual com indicações de leituras de autoria indígena, além de produções audiovisuais sobre o tema. A fim de combater o currículo eurocêntrico e o “pacto da branquitude”, mencionado por Cida Bento (2022), todas as fontes indicadas eram de autoria indígena. Ao término do quarto bloco da unidade curricular, os professores apresentaram propostas para o trabalho pedagógico sobre a temática indígena, não se limitando a referenciais brancos nem a datas esporádicas, como o problemático “Dia do Índio”. Ideias de materiais, autores e saídas pedagógicas que permitem a vivência indígena foram compartilhadas, de modo que as turmas realizaram um intercâmbio de práticas decoloniais a serem desenvolvidas na Educação Básica – desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho discorreu acerca da sequência didática desenvolvida para a unidade curricular “Ensino de Linguagens para uma estética da diferença”, da pós-graduação em Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação. Relatou, sucintamente,

os objetivos e o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista a necessidade de decolonizar o currículo e, sobretudo, de formar professores aptos para realizarem escolhas teóricas e procedimentais que rompam os padrões impostos pela visão eurocêntrica.

Ao trabalhar os pressupostos de Ailton Krenak e relacionar linguagens artísticas como música, literatura e cinema, a pesquisa propôs uma abordagem intertextual e interdisciplinar dos temas que envolvem: Histórias e culturas indígenas; Fatos e consequências da invasão e Reverberações coloniais na Educação Básica e na formação de professores.

A revisão bibliográfica, utilizada para compor e planejar a ementa da unidade curricular, bem como conduzir as aulas, embasou as reflexões e os debates desenvolvidos, além de contribuir para a pesquisa-ação, uma vez que os, aproximadamente, 60 pós-graduandos aplicaram os saberes nas aulas ministradas para estudantes de Educação Básica. Tal fato gerou um impacto qualitativo nas redes municipais de ensino paulista, levando epistemologias e manifestações indígenas para a sala de aula.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos, à Faculdade Sesi-SP de Educação, a seriedade com a qual trata a formação de professores e a confiança em nosso trabalho;

À parceria estabelecida com colegas e estudantes que compreendem a importância da decolonização curricular;

Aos estudantes da Pós-Graduação em Licenciatura em Linguagens, também colegas de profissão, os quais lutam por uma educação pública de excelência;

À comissão científica e organizadora do Conedu, a oportunidade de compartilhar o nosso trabalho com outros educadores.

## **REFERÊNCIAS**

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, DF. 11 de mar. de 2008. Seção: 1, p. 1. Acesso em: 01 fev. 2024.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

**GUERRAS DO BRASIL – EP. 1: GUERRAS DA CONQUISTA**, prod. Laís Bodanzky e Buriti Filmes, dir. Luiz Bolognesi, 26 min. 2019.

GONÇALVES, Luiz. Do sopro ao afeto – Corpos kôkãmou na experiência xamânica. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

KAMBEBA, Márcia. Índio eu não sou. **Revista Acrobata**, 23 de abril de 2020. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-marcia-kambeba/>. Acesso em: 01 fev. 2024

RENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUNUMI MC. *Xondaro Ka'aguy Reguá (Official Video)*. YouTube. jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cT7ZXxAMetY>>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ROMÃO, Luiza. **Sangría**. 1. ed. São Paulo: Edição do autor: Selo do Burro, 2017